



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT-1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**ALÉM DO MÉTODO: ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

***APART FROM THE METHOD: EPISTEMOLOGICAL ANARCHISM IN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE***

**Natalia Duque-Cardona** – Universidade de Antioquia (UdeA, Colombia), Universidade Federal do Cariri (UFCA)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Partindo da ideia proposta por Feyerabend em seu tratado contra o método de que “a ciência é essencialmente uma empresa anarquista; o anarquismo teórico é mais humanista e mais capaz de estimular o progresso do que suas alternativas baseadas na lei e na ordem”, este trabalho busca apresentar o anarquismo epistemológico como um tema fundamental para o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) na perspectiva crítica latino-americana e especialmente para a proposta epistemológica de BCI a partir de Abya-Yala como seu quadro metodológico. Começa abordando a ciência e o método como dois dos principais conceitos fundacionais da ciência ocidental e sua compreensão à luz das epistemologias do Sul. Em seguida, desenvolve o conceito de anarquismo epistemológico e sua relação com a interdisciplinaridade, para chegar a um terceiro momento em que se discute o significado de conceber a BCI fora do método ocidental. Encerra com uma proposta de “indisciplinar” a BCI. O trabalho é derivado da pesquisa *Relações entre linguagem, memória e informação: contribuições a um Programa de Pesquisa Científica para a Ciência da Informação e a Biblioteconomia na perspectiva crítica latino-americana*. Foi realizado por meio de uma metodologia qualitativa-documental de caráter crítico-analítico, que envolveu a análise do anarquismo e sua relação com a ciência por meio de diversos referenciais que resultaram em uma proposta de quadro metodológico.

**Palavras-chave:** Anarquismo; epistemologia; epistemologias do Sul; Biblioteconomia; Ciência da Informação.

**Abstract:** Starting from the idea that Feyerabend proposes in his treatise against the method “science is an essentially anarchist enterprise; Theoretical anarchism is more humanist and more suitable for stimulating progress than its alternatives based on law and order” This work seeks to present epistemological anarchism as a fundamental theme for the development of Library Science and Information Science (CI) in a Latin American critical perspective and especially for the epistemological proposal Bibliotecología and CI from Abya-Yala as its methodological framework. He starts by making an approximation to science and method as two of the main founding concepts of Western science vs

its understanding in the light of the epistemologies of the South. It then develops the concept of epistemological anarchism and its relationship with interdisciplinarity, to arrive at a third moment where the meaning of conceiving the library and CI at the edge of the western method is planted. To close with a proposal to undiscipline the library and CI. The work derives from the investigation Relation between language, memory and information: contributions to a Scientific Research Program for Information Science and Library Science from a Latin American critical perspective, carried out through a qualitative-documental methodology of character critical-analytical, which implied the analysis of anarchism and its relationship with science through different references that led to a proposed methodological framework.

**Keywords:** Anarchism; epistemology; epistemology of the South; library science, information science.

## 1 INTRODUÇÃO: Ciencia y método: de occidente al Sur

A distorção que a posição social de domínio produz nas posições epistêmicas é uma base primordial da opressão, exclusão, exploração e, em geral, das várias formas de injustiça<sup>1</sup>.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver o quadro metodológico da proposta epistemológica da Biblioteconomia y ciência da Informação de Abya-Yala, correspondendo a um exercício teórico, reflexivo e crítico situado num paradigma anticolonial intercultural. A necessidade de um paradigma intercultural e anticolonial surge a partir daquilo entendido como uma revolução científica em a Ciência da Informação e Biblioteconomia. Tal qual proposto por Khun (1962), trata-se da possibilidade de que um conjunto de crenças, valores e formas de explicar possam se modificar e dar lugar a um novo paradigma. Para esse caso, a Teologia da Libertação na década de 1960 e a inflexão decolonial da década de 1990 criaram essa possibilidade, através da identificação do Sul Global, e de seus habitantes, enquanto territórios e sujeitos legitimamente portadores do conhecimento, com o intuito de avançar na redução de injustiças epistêmicas, testemunhais e hermenêuticas (Fricker, 2017).

Ao deixar de dar as costas à nossa própria história, caminhamos em frente por uma revolução que “modifica a perspectiva histórica da comunidade que a experiencia, então essa mudança de perspectiva deverá afetar a estrutura dos livros de texto e das publicações de pesquisas posteriores a dita revolução” (Khun, 1962, p. 15). A necessidade de um paradigma intercultural e anticolonial para a BCI, entre outras razões, é defendido e justificado aqui pelo reconhecimento de que:

---

<sup>1</sup> BRONCANO, Fernando. **Conocimiento expropiado: una epistemología política en una democracia radical.** Madrid: Ediciones Akal, 2020.

- As principais instituições que têm sido baluarte da cultura e do conhecimento foram construídas priorizando um relato eurocentrado, vinculado com as funções civilizatórias atribuídas a elas, às quais aludem à alfabetização, homogeneização cultural, entre outras, no caso das bibliotecas;
- O capital cultural que salvaguarda bibliotecas e arquivos é muito restrito a códigos alfanuméricos, marginalizando uma infinidade de linguagens, idiomas e textualidades correspondentes ao Sul Global- à América Latina e Caribe, em nosso caso;
- A história em relação à prática bibliotecária e arquivística priorizou o registro de informação das culturas ocidentais, criando uma história do livro e da biblioteca ocidentais, excluindo outras formas de registro.

Por isso, identificamos a necessidade de uma revolução científica para permitir uma ampliação e aprofundamento da compreensão histórica para o campo da BCI. Essa perspectiva provocou a linha de pesquisa *Bibliotecas desde Abya-Yala* a construir uma proposta epistemológica através da pesquisa-ação ao redor dos problemas, fenômenos e situações vinculadas disciplinarmente em uma perspectiva crítica latino-americana.

Assi, o paradigma intercultural-anticolonial, concretizado em uma proposta epistemológica desde Abya-Yala na publicação *Bibliotecas desde Abya-Yala: una epistemología latinoamericana para la bibliotecología y la CI* (2024), se caracteriza por cinco elementos principais:

- Fundamentação teórica- pilares conceituais: retoma categorias conceituais que foram consideradas fundamentais para a BCI, partindo do princípio que ambas as disciplinas trabalham fundamentalmente com a linguagem, memória e informação;
- Fundamentação filosófica- epistemologias insurgentes, filosofias do Sul: a ênfase nas filosofias selecionadas tem como traço comum a posição protagonista da linguagem, cujo valor instrumental está na salvaguarda das diferentes cosmovisões sobre o mundo, considerando filosofias negras, indígenas, caribenhas, feministas, campesinas, entre outras;
- Fundamentação extra teórica- marcos analíticos: composta por cinco teorias provenientes de diversas áreas do conhecimento desenvolvidas por mulheres ativistas, feministas e acadêmicas: interculturalidade crítica (Walsh, 2010), interseccionalidade (Hill Collins, 2020; Crenshaw, 2017), conhecimento situado (Haraway, 1991), capacidades (Nussbaum, 2012) e justiça social (Fraser, 2000; 2012);

- Marcos de enunciação- lugares de enunciação: implicam os territórios e seus sujeitos, delimitados por e a partir de relações de poder, sendo eles Abya-Yala, América Latina, Indoamérica, Ñamérica, Milpamérica.
- Fundamentação metodológica- marco de pesquisa e ação: está orientada pelo anarquismo metodológico retomando o pluralismo metodológico como possibilidade de caminhar com o que têm sido entendido como “método”; que será desenvolvido neste artigo.

Dessa forma, o paradigma intercultural e anticolonial é um avanço teórico para ampliar a perspectiva aplicada à BCI desde o Sul Global. Busca transcender a reflexão teórica com o sentido social da ciência e sua incidência na transformação social. Assim como um paradigma se materializa em uma proposta epistemológica, seu agenciamento se concretiza no programa de pesquisa-ação *Bibliotecas desde Abya-Yala: sociedades y culturas em perspectivas Sur* (Duque-Cardona, 2018).

É importante ressaltar que a escolha das fontes e autores dos eixos, temas e conceitos trabalhados nesta proposta se deu por meio de princípios que consideram a justiça epistêmica; privilegiando a literatura acadêmica situada numa perspectiva crítica e distanciando-se do cânone positivista ocidental. O que precede não implica que as autoridades europeias ou anglo-saxônicas não estejam incluídas, pois algumas correspondem à filosofia da ciência, fundamental no desenvolvimento de propostas epistemológicas. É importante esclarecer que pensar desde a perspectiva latino-americana não implica virar as costas à forma como construímos a ciência, mas sim questionar o que deixamos de fora e propor recursos, mecanismos e alternativas para fazer da ciência e do conhecimento um exercício que privilegia o social. justiça e dignidade.

## **2 O ANARQUISMO COMO UMA POSSIBILIDADE PARA PENSAR METODOLÓGICAMENTE A BCI**

Após a inflexão decolonial nos anos 90, surgiram múltiplas e diversas possibilidades dentro da ciência e do desenvolvimento de conhecimento científico para pensar, refletir e propor alternativas "outras" a um modo de conhecimento branco, eurocêntrico e heteronormativo. No entanto, uma das principais dificuldades nesse sentido tem sido o método, já que a validação do que é concebido ou validado nesse campo é determinada pela forma como se chega ao conhecimento.

Essa situação tem implicado que a produção de conhecimento, mesmo aquela que é chamada de "outra", adoce os discursos, mas mantém as formas, caminhos, métodos, estratégias e técnicas para a geração de conhecimento, o que implica uma profunda incoerência nos ideais éticos, epistêmicos e até mesmo morais aos quais uma perspectiva crítica latino-americana e anticolonial teoricamente deve se ater.

Por outro lado, dentro do que é conhecido no ocidente como fundamentação metodológica, tem sido um exercício constante procurar o que Rendón-Rojas (2005) entende como uma busca em relação aos objetos de estudo da ciência, os quais são: (a) uma metodologia que permita a incorporação da diversidade cultural e epistêmica; (b) a construção de um conhecimento contextual e situado; (c) a descolonização da ciência e do conhecimento científico; e (d) a construção de uma epistemologia do Sul. E, assim, “definir os métodos usados para construir e desenvolver a disciplina, e determinar se serão utilizados métodos empíricos, estatísticos, dedutivos ou de análise, dependendo do objeto estudado e do que melhor se adequar para descobrir a verdade” (Rendón-Rojas, 2005, p.46).

Se essa busca se limita a uma visão ocidental da ciência, ela insiste em se distanciar dos princípios e ideais de justiça social que foram propostos em uma visão anticolonial da ciência - que implica as epistemologias do Sul de forma ampla (camponesas, negras, indígenas, caribenhas, feministas, negras) -, uma vez que exclui saberes, comunidades, sujeitos, tradições, entre outros, que historicamente não foram reconhecidos como sujeitos de ciência e conhecimento científico. Mais perigoso ainda é correr o risco de aplicar métodos científicos para validar isso, o que implica um lugar de arrogância científica em torno de quem valida e considera o saber como ciência.

Metodologicamente, foram propostos múltiplos métodos e metodologias para se aproximar, a partir de olhares de justiça social, de uma ciência na perspectiva anticolonial e latino-americana. No entanto, ao analisar a informação e gerar produções a partir dela, as técnicas e métodos continuam sendo exatamente os mesmos utilizados pela ciência ocidental. Como pesquisadoras, ativistas e mulheres negras, surgem as perguntas sobre como podemos pensar a ciência e o método a partir do Sul. Como podemos nos aproximar de saberes não científicos, de comunidades e sujeitos sem gerar processos de extrativismo de conhecimento? Como reconhecemos, redistribuímos e participamos ativamente na configuração da ciência como um bem comum do qual todos e todas nós fazemos parte, mas sem nos apropriarmos

dele? Como garantir que as funções sociais da ciência tenham como centro as comunidades e os sujeitos?

Essas e outras perguntas nos levaram à exploração do anarquismo como uma possibilidade para pensar metodologicamente modos de nos aproximar, refletir e construir a ciência, principalmente por meio da obra *Contra el método* (1986), de Paul Feyerabend, que propõe como princípio de abertura para suas hipóteses que o único princípio que não inibe o progresso é: tudo serve. Até mesmo aquilo que foi descartado ou não considerado no quadro da produção de conhecimento baseada no método científico deveria aparecer no anarquismo epistemológico. Enquanto:

Apresentar o anarquismo epistemológico como um quadro para pensar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação responde à necessidade de exigir liberdade e igualdade, à necessidade de fazer uma crítica aos sistemas de dominação e opressão em relação à função da ciência e, em particular, à função do conhecimento científico. No contexto atual, à luz das mudanças e propostas de ação que surgem no contexto bibliotecário latino-americano - particularmente, no colombiano - nos últimos dez anos, em que a oralidade, a questão do patrimônio cultural imaterial e os modos de registro diferentes do código alfanumérico começaram a ser incorporados, é imperativo apresentar propostas de fundamentação situadas com as demandas sociais, situadas, contextualizadas e baseadas em justiça epistêmica. (Duque-Cardona, 2022, p. 44)

É importante ressaltar que, nesse sentido, o anarquismo não é entendido como uma ideologia, mas sim como um ponto cardeal, uma direção desejável para caminhar a fim de elevar a ciência como uma possibilidade de emancipação e humanização, ao invés de controle e criação de hierarquias.

Nesse sentido, este trabalho apresenta como estrutura a discussão teórico-conceitual sobre anarquismo, ciência e conhecimento, seguida de sua abordagem em BCI e as teses que o compõe. Por fim, apresentamos as considerações finais dessa reflexão.

### **3 ANARQUISMO, CIÊNCIA E CONHECIMENTO**

Como uma ideologia que rejeita toda forma de dominação, o anarquismo compartilha princípios como autonomia e horizontalidade, apoio mútuo, associação voluntária, ação direta, revolução e autolibertação. Se pensarmos em como esses princípios se inserem na ciência, o primeiro que encontramos é que eles são escassamente observados, pois a ciência ocidental responde a padrões e parâmetros que privilegiam a competição, as hierarquias, os

egos e o utilitarismo, o que faz com que se percam imediatamente as funções sociais da ciência. Para elucidarmos este ponto, trazemos alguns exemplos: as comunidades científicas são profundamente exclusivas e elitistas, pois para fazer parte delas, além de uma grande quantidade de características que são quase inexistentes, nomeiam-se como tal, mas não trabalham sob princípios de comunalidade, mas sim de individualidade. Há, então, uma dicotomia: se é parte de uma comunidade, é reconhecido como tal, mas não há comunidade. Nessa ordem de ideias, a associação voluntária – que implica as possibilidades que as pessoas têm de cooperar voluntariamente com quem desejarem – não é uma alternativa. Ou o apoio mútuo – que se refere aos laços de solidariedade e generosidade – são quase inexistentes em torno do conhecimento científico, predominando o medo, o egoísmo e a arrogância.

Fatores como esses nos mostram que a ciência se estabeleceu em ideais que não favorecem a compreensão da ciência como um bem comum, e que seu ideal de contribuir para a justiça social se limita a discursos ou publicações sem uma base no mundo da vida. É nessa ordem de ideias que o anarquismo, como um quadro de compreensão e ação da vida, pode possibilitar, não como um método neste caso, mas como um quadro de visão, possibilidades reais e tangíveis de fortalecer a ciência e o conhecimento.

Essa defesa do bem comum implica o desenvolvimento de propostas epistemológicas insurgentes, como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação desde Abya-Yala, que “oferecem a possibilidade de resistência como fricção epistêmica. A fricção epistêmica envolve a contestação mútua de conhecimentos estruturados normativamente de formas distintas, questionando as exclusões epistêmicas, desqualificações e hegemonias” (Medina, 2012, p. 281).

Ademais, permitem abordar questões como: Quem deveria fazer parte de uma comunidade de estudo em relação aos impactos da crise ecológica em um determinado local? A resposta deveria ser ampliada para incluir a participação das comunidades e sujeitos não apenas como estudos de caso, mas como participantes ativos dessa comunidade científica. No entanto, é evidente que isso não implica apenas nomeá-los, mas envolve a discussão sobre o que historicamente compreendemos como conhecimento científico e não científico, em torno do *status* que tem sido dado aos sujeitos que fazem ciência.

Neste primeiro momento, é importante notar que, dando um passo dos princípios do anarquismo para a proposta de Feyerabend, que já no campo da filosofia da ciência propôs uma posição teórica em relação ao método, encontramos que o anarquismo epistemológico

é uma alternativa realizável e possível ao pensar em possibilidades de ciência *com* e a *partir de* comunidades, territórios e sujeitos. Isso implica não apenas a desconstrução de conceitos como ciência e conhecimento, mas também o trabalho interdisciplinar em torno do conhecimento não científico e a construção de pontes entre o que chamamos de Ocidente e os Sul(es), entendendo que não há um único método, uma única verdade, uma única forma de responder a perguntas, encontrar soluções e que ter todas as possibilidades disponíveis só enriquecerá as alternativas para cada um e cada uma.

#### 4 À MARGEM DO MÉTODO NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Propõe Feyerabend (1986) em seu livro “Tratado contra el método” uma série de teses para afirmar que a ciência é essencialmente uma empreitada anarquista e que o anarquismo teórico é mais humanista e adequado para estimular o progresso do que as alternativas baseadas na lei e na ordem.

**Quadro 1** – Síntese das teses de Feyerabend (1986) em seu livro “Tratado contra el método”.

<b>Tese 1</b>	O único princípio que não inibe o progresso é: tudo serve.
<b>Tese 2</b>	É possível fazer uso de hipóteses que contradigam teorias bem confirmadas e/ou resultados experimentais bem estabelecidos. A ciência pode avançar procedendo contra indutivamente.
<b>Tese 3</b>	As hipóteses que contradizem teorias bem confirmadas fornecem evidências que não podem ser obtidas de nenhuma outra forma. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, enquanto a uniformidade enfraquece seu poder crítico. Além disso, a uniformidade ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo.
<b>Tese 4</b>	Não existe nenhuma ideia, por mais antiga e absurda que seja, que não possa melhorar o conhecimento. Toda a história do pensamento está subsumida na ciência e é usada para aprimorar cada teoria específica. As interferências políticas também não são eliminadas. Pode ser necessário superar o cientificismo chauvinista que rejeita as alternativas ao status quo.
<b>Tese 5</b>	Nenhuma teoria concorda com todos os fatos do seu domínio, mas a teoria nem sempre é culpada por isso. Os fatos são constituídos por ideologias mais antigas, e o choque entre fatos e teorias pode ser uma prova de progresso. Esse choque também constitui um primeiro passo na tentativa de descobrir os princípios implícitos em noções observacionais muito comuns e familiares.
<b>Tese 6</b>	As dificuldades iniciais produzidas pela mudança são superadas por meio de hipóteses ad hoc, que ocasionalmente desempenham uma função positiva. Essas hipóteses fornecem um momento de alívio para as novas teorias e apontam a direção que a pesquisa posterior deve seguir.
<b>Tese 7</b>	A razão não pode ser universal e a irracionalidade não pode ser excluída. Essa característica da ciência demanda uma epistemologia anarquista. O reconhecimento de que a ciência não é sagrada e de que o debate entre ciência e mito terminou sem que nenhuma das partes saia vitoriosa fortalece ainda mais a causa do anarquismo.

<p><b>Tese 8</b></p>	<p>A ciência é muito mais semelhante ao mito do que qualquer filosofia científica está disposta a reconhecer. Hoje, a ciência é uma das muitas formas de pensamento desenvolvidas pelo homem, mas não necessariamente a melhor. É uma forma de pensamento proeminente, estridente e insolente, mas apenas intrinsecamente superior às outras para aqueles que decidiram a favor de uma certa ideologia ou a aceitaram sem terem examinado suas vantagens e limitações. E uma vez que a aceitação e rejeição de ideologias devem ser deixadas nas mãos do indivíduo, resulta que a separação entre igreja e Estado deve ser complementada pela separação entre Estado e ciência: a instituição religiosa mais recente, agressiva e dogmática. Tal separação talvez seja nossa única chance de alcançar uma humanidade que somos capazes de realizar hoje, mas que nunca realizamos plenamente.</p>
----------------------	---

**Fonte:** Elaborado pelas autorias com base em Feyerabend (1986).

Assim, encontramos na proposta de Feyerabend uma possibilidade para o desenvolvimento do quadro metodológico da proposta epistemológica intitulada *Bibliotecas desde Abya-Yala*. Como entende Duque-Cardona (2022, p. 4), o “[...] anarquismo epistemológico, além de ser um quadro de análise, propõe a geração de uma teia para ‘fazer conjuntamente’, um exercício baseado no comunal que permita não apenas fundamentar [...]”, como “[...] também constelar, despertar uma Biblioteconomia desde Abya-Yala baseada na redistribuição, no reconhecimento e na participação de comunidades, sujeitos, conhecimentos e filosofias diversas, tudo isso, com amor, dignidade e vida.” (Duque-Cardona, 2022, p. 4).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: INDISCIPLINAR A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Retomar o anarquismo epistemológico como um quadro metodológico para pensar na produção de conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da informação requer a desdisciplinarização da ciência e trabalhar na noção de ordem que tem sido fundamental para essas ciências, em uma perspectiva que envolva discutir a ordem à luz do tipo de sociedade que está sendo formada. Por outro lado, sob a perspectiva de Ivan Illich (2011), leva-nos a questionar como desescolarizar o conhecimento, entendendo que ele não se limita à produção em contextos acadêmicos tradicionais, como nas universidades, mas implica o reconhecimento de que o conhecimento está na sociedade, como proposto por Illich (2011, p. 27). Assim, a “[...] desescolarização da sociedade implica o reconhecimento da natureza ambivalente da aprendizagem. A ênfase exclusiva na rotina poderia ser um desastre; deve-se dar igual ênfase a outros tipos de aprendizagem” (Illich, 2011, p. 27).

E, enquanto é urgente o reconhecimento da pluralidade metodológica, compreendendo que mesmo podem ser traçados métodos não preestabelecidos no que temos conhecido como o método ocidental, essa ideia é apoiada contemporaneamente por autores como Eric Oberheim citado por Feyerabend (2013) e Gilberto Giménez (2004). No entanto, devemos ter em mente que isso implica, além de se aproximar tanto do conhecimento científico quanto do não científico sob a premissa do pluralismo metodológico, o qual é uma manifestação da liberdade, o que equivale, nas palavras de Bocanegra Vergara (2014), a que:

O anarquismo não nega uma teoria, um saber, um suporte, uma tradição, uma epistemologia, uma ideologia; mas se considera a liberdade no sentido democrático e causal de proceder na ciência, questão que, se não é aceita pelas outras correntes, também não é levada em conta. Existem inúmeras discrepâncias entre essas expressões, por exemplo: os pragmatistas só admitem a existência do lógico; ele evoca apenas a inferência de um dogma (mesmo se aceita o lógico demonstrável), se acreditam que o único conhecimento válido é o prático, o que é verdadeiramente útil, então voltamos ao dogma. Para esta corrente, só vale o funcional, para o anarquismo epistemológico tudo vale.

Compreendemos que precisamos declarar no âmbito de epistemologias insurgentes porque temos um lugar de enunciação que não responde apenas ao geográfico, nem ao epistêmico, mas também ao metodológico, na medida em que é através disso que caminhamos a palavra e buscamos caminhos para nos aproximar do conhecimento de maneira consciente, tornando-nos conscientes de nossas forças e capacidades para criar uma vida melhor e mais nobre, como propõe Emma Goldman (1986). Isso na ciência implica não perder de vista o porquê e para quê da ciência e, no caso da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, porque e para que a linguagem, a memória, a informação, o conhecimento e o saber não científico em um contexto como a América Latina e o Caribe, onde as lacunas de desigualdade transcendem as suas histórias.

Assim, um quadro metodológico situado no anarquismo epistemológico para bibliotecas a partir de Abya-Yala busca fortalecer e consolidar organicamente uma proposta de pesquisa-ação para a insurgência, o que não é outra coisa senão o levantamento, a rebelião da tradição e a busca de uma possibilidade com sentido para a BCI a partir do Sul Global, o que, em relação ao desenvolvimento conceitual, extra-teórico e filosófico da proposta, coloca como desafio o estudo e a compreensão do anarquismo, na qual o trabalho em torno do mesmo tem implicado os(as) intelectuais orgânicos(as).

**Quadro 2 - Referências do anarquismo por país**

<b>País</b>	<b>Referentes</b>
<b>Argentina</b>	Federación Obrera Regional Argentina (FORA), com mais de 200.000 afiliados em 1915, tornou-se a organização anarquista mais poderosa da América Latina.
<b>Uruguai</b>	Desde o final do século XIX, foi a principal corrente do movimento operário. Por meio de organizações sindicais e de seus jornais, “El amigo del Pueblo” e “Tribuna Libertaria”, conseguiram aprofundar a consciência de classe, especialmente ajudados pelo fluxo migratório de trabalhadores europeus.
<b>Paraguay</b>	A Federación Obrera Regional Paraguaya, fundada em 1906, declarou abertamente sua oposição aos partidos políticos e sua decisão de lutar pela Federação de Associados e Produtores Livres. Em consonância com essa atividade no movimento camponês, os anarquistas criaram em 1928 a Aliança Nacionalista Revolucionária, cuja estratégia era a implantação da República Comunera e a União Federalista dos Povos da América Latina. A culminação dessa experiência ocorreu em 1931, com a conversão de Villa Encarnación em uma comuna revolucionária, dirigida por assembleias populares.
<b>Peru</b>	No Peru, o anarquismo também exerceu uma grande influência no movimento camponês e indígena. Eles apoiaram a Federação de Trabalhadores de Padarias “Estrella del Sur” (1904) e os trabalhadores portuários de El Callao.
<b>México</b>	No México, os anarquistas desempenharam um papel destacado desde cedo não só no movimento operário, mas também no movimento camponês. A atividade desempenhada por Rhodakanaty e seus seguidores operários e camponeses, cuja influência aumentou no início do século XX com a conversão do liberalismo ao anarquismo dos irmãos Flores Magón, autores do jornal “Regeneración” em 1904.
<b>Brasil</b>	No Brasil, desde as experiências de falanstérios e atividades artesanais no final do século XIX, os anarquistas tiveram uma influência relevante no movimento operário. Em 1905, tinham em circulação cerca de 15 jornais, editados em São Paulo, Porto Alegre, Santos e Rio de Janeiro, como “O Despertar” e “O Libertário”. O líder da União dos Trabalhadores Gráficos, Edgar Leuenroth, juntamente com um dos principais teóricos do anarquismo brasileiro, Neno Vasco, fundou o jornal “Terra Livre”. Mais tarde, em 9 de junho de 1917, eles editaram “A Plebe”, que se tornou um jornal diário, onde colaboraram destacados escritores, incluindo Alfonso Lima Barreto.
<b>Bolívia</b>	Na Bolívia, o anarquismo foi a principal força no movimento sindical desde o final do século XIX até o pós-Primeira Guerra Mundial. No entanto, apesar da concorrência do Partido Liberal e do Centro Operário de Estudos Sociais, orientado por Ricardo Perales, os anarquistas conseguiram manter sua influência, sob a liderança de Cesáreo Capriles e a intensa atividade desenvolvida pelo padre Tomás Chávez Lobatón. Sua Federação Operária Local (FOL) permaneceu até o final dos anos 20 como a mais importante, juntamente com a Federação Operária do Trabalho (FOT), de tendência marxista. A influência anarquista irradiou-se através do Centro Operário Libertário de La Paz e Cochabamba e de jornais como “La Aurora Roja”, fundado em 1922, onde escreviam

	Rigoberto Rivera, que mais tarde se converteu ao marxismo devido à sua simpatia pela Revolução Russa.
<b>Ecuador</b>	No Equador, os anarquistas conseguiram penetrar com força no proletariado cacaucultor, responsável pelo ensacamento e transporte do cacau. Sob a influência do anarquista peruano M. González Prada, desenvolveu-se "na costa uma ampla campanha de difusão doutrinária. Já no início do século, alguns grupos anarquistas foram fundados em Guayaquil. Em 1910, foi criado o Centro de Estudos Sociais, que visava divulgar a ideologia anarquista.
<b>Colômbia</b>	Na Colômbia, um país com escassa imigração europeia, o anarquismo penetrou através dos trabalhadores portuários da costa caribenha e do rio Magdalena. Referindo-se a essa influência, Ignacio Torres Giraldo observa: "É verdade que tal organização era feita com base em grupos de comando e não na massa em si, devido à influência anarquista de tipo espanhol que alguns imigrantes exerceram no litoral caribenho.

Fonte: Elaborada pelas autorias com base em Vitale (1998).

Assim, o propósito de uma metodologia situada no anarquismo epistemológico é alcançar o ideal a utopia de diminuir as (in)justiças epistêmicas e evoluir para epistemologias insurgentes de resistência, que tenham plena consciência do porquê e para quem (Duque-Cardona, 2022) e seguir ideais de justiça social e epistêmica.

## 6 A MODO DE CONCLUSIONES

Avançar no desenvolvimento do quadro metodológico, enquadrado num paradigma intercultural é uma tarefa crucial para dar consistência à proposta epistemológica da Biblioteconomia e CI de Abya-Yala, o progresso aqui apresentado é um desenvolvimento que requer continuar a fortalecer-se à luz do anarquismo, retomando o pluralismo metodológico, sem trair os princípios da ideologia sob a qual se decide avançar nos caminhos da produção do conhecimento científico.

Isto leva-nos a propor que é imperativo continuar a construção deste quadro através do desenvolvimento dos princípios que o anarquismo considera e da sua ligação com a ciência, tais como: autonomia e horizontalidade, apoio mútuo, associação voluntária, ação direta, revolução e autolibertação.

Trazer o anarquismo para a biblioteconomia e para a CI é uma oportunidade para pensar metodologias, métodos e técnicas que privilegiem as funções sociais da ciência e fortaleçam o status científico das disciplinas, não precisamente por um passo a passo ligado ao método científico tradicional, mas por seu compromisso de contribuir com conhecimento para a configuração de sociedades socialmente justas.

Nesta ordem de ideias, além de avançar no fortalecimento e fundamentação filosófica do anarquismo como arcabouço metodológico, um desafio que se projeta para o futuro é o desenvolvimento dos momentos, etapas e/ou formas que podem ser considerados um método anarquista.

Da mesma forma, será fundamental desenvolver os pilares que sustentam um método baseado no anarquismo, seus objetivos, características, técnicas e etapas.

Por fim, é imperativo desenvolver princípios éticos, políticos e epistêmicos em relação ao método e lugar dos pesquisadores em relação ao conhecimento e sua relevância na configuração de sociedades justas.

## REFERÊNCIAS

- BOCANEGRA VERGARA, Netzahualcóyotl. Anarquismo epistemológico: una tesis que trasciende. In: BARRAZA MACÍAS, Arturo. (org.). **Posicionamientos epistemológicos desde una perspectiva doctoral**. Durango: Uniconversidad Pedagógica de Durango, 2014. Disponível em: <https://upd.mx/librospub/libros/epistemologia.pdf#page=37>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Intersectionality**. John Wiley & Sons, 2020.
- CRENSHAW, K. **Race, reform, and retrenchment: Transformation and legitimation in antidiscrimination law**. In: Law and social movements. Routledge, 2017. p. 475-531.
- DUQUE-CARDONA, Natalia. Una mirada amefricana a la Bibliotecología y la CI: fundamentación desde el sur. **Revista EDICIC**, San José, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/index.php/revistaedicic/article/view/187> Acesso em: 20 ago. 2022.
- DUQUE CARDONA, N. La incidencia de la biblioteca en la reducción de las desigualdades sociales: hallazgos y caminos a seguir. *Códices*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 79-113.
- FEYERABEND, Paul. **Filosofía natural**: Una historia de nuestras ideas sobre la naturaleza desde la Edad de Piedra hasta la Física Cuántica. Barcelona, Debate, 2013.
- FEYERABEND, P. **Tratado contra el método**. Tecnos: [S.l.], 1986.
- FRASER, N. ¿De la redistribución al reconocimiento? Dilemas de la justicia en la era postsocialista. **New left review**, v.1, 2000. p. 126-155.
- FRASER, N. (2012). **Escalas de justicia**. Herder Editorial, 2012.
- FRICKER, M. **Injusticia epistémica**. Barcelona: Heder, 2017.
- GIMÉNEZ, Gilberto. Pluralidad y unidad en las ciencias sociales. **Revista Estudios Sociológicos**, [s.l.], v. 22, n. 65, p. 267-282, 2004.
- GOLDMAN, Emma. El anarquismo y otros ensayos. In: **Ensayos**. Cali: Imprenta Comunera, 1986.
- HARAWAY, D. **An ironic dream of a common language for women in the integrated circuit**. Philosophy of Technology. Blackwell Publishing Ltd, 1991.
- ILLICH, Ivan. **La sociedad desescolarizada**. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2011.
- KHUN, T. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- MEDINA, José. **The epistemology of resistance**: Gender and racial oppression, epistemic injustice, and resistant imaginations. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NUSSBAUM, M. C. **Crear capacidades**. Barcelona: Paidós, 2012.

RENDÓN-ROJAS, Miguel A. R. **Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología**. México: UNAM, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. **Construyendo interculturalidad crítica**, n. 75, v.96, 2010. p.167-181.

VITALE, Luis. **Contribución a una historia del anarquismo en América Latina**. Santiago: Ed. Instituto de Investigación de Movimientos Sociales "Pedro Vuskovic", 1998. Disponible em: <http://www.acratie.eu/FTP/UTOP/VitaleAmerica1998.pdf> Acceso em: 20 ago. 2022.